

CLUBE DAS NAÇÕES, BRASÍLIA, DF, 18 DE JUNHO DE 1997

*Meus amigos e companheiros do PSDB,*

Eu, habitualmente, no dia do aniversário, não comemoro, até porque, com o passar dos anos, a gente vai ficando com uma certa preocupação com essa coisa de aniversário – agora não tem mais jeito, sai a idade da gente no jornal. Antigamente, dizia-se que se tinha cinquenta e poucos. Agora não tem jeito. É o meu caso.

Mas, de qualquer maneira, quando recebi a informação de que vocês queriam me dar um abraço hoje, eu fiquei contente. Fiquei contente porque – e aqui já foi dito – eu costumo passar o aniversário com a família, o que farei, ainda esta noite. Mas, aqui, nós estamos em família.

Neste momento de estarmos juntos, companheiros do PSDB, eu queria agradecer-lhes, agradecer a constância com que o PSDB tem apoiado, às vezes, posições que não são facilmente compreensíveis, mas que, quando a gente tem convicção, se tornam imperativas.

Eu sei que não é fácil, muitas vezes, para um partido que tem o Presidente da República, primeiro, ceder espaços – o PSDB tem cedido espaços, porque tem compreendido que as transformações que nós es-

tamos levando adiante não podem ser levadas adiante só por um partido. E, muitas vezes, aquele partido que mais está inserido no Governo, como é o caso do PSDB, é o que tem que abrir mão de justas pretensões.

Em segundo lugar, tenho que agradecer, também, pelo apoio, que tem sido muito constante, nas votações. Ainda hoje, a votação da lei geral da telefonia foi consagrada com uma votação como se fosse até uma emenda constitucional.

Muitas vezes eu vejo referências ao fato de que falece à base do Governo o apoio, que o PSDB tem isso, tem aquilo. E, quando se vai ver o resultado, não corresponde a esses maus agouros. Pelo contrário, corresponde a uma continuação de um processo de transformações. Esse apoio tem sido constante, e o PSDB tem estado presente em todas as votações. E tenho certeza de que estará hoje e nos dias seguintes.

E tenho certeza de que o PSDB, também, está convencido de que o que nós estamos propondo ao Brasil já foi aprovado pelo povo nas eleições. Nada do que está sendo feito hoje deixou de ser dito na campanha eleitoral. O programa deste governo não é de um partido, não é de um conjunto de partidos, não é de um presidente: é do povo brasileiro, que votou no Governo.

Então, nós temos a legitimidade. Nós temos a convicção e a legitimidade. Não estamos fazendo alguma coisa que surpreende a Nação. Pelo contrário. Eu fico surpreso, muitas vezes, é com o fato de que muitos que deveriam estar apoiando com vigor as reformas que levam aos resultados que o Senador Teotônio mencionou, ou seja, a melhoria concreta da situação de vida do povo, na saúde, na educação, na renda, no trabalho, se opõem. E eu já nem sei mais porque se opõem, porque já não é mais nem sequer interesse eleitoral. Porque, eleitoralmente, isso será um desastre para quem continuar se opondo aos avanços que nós estamos proporcionando ao Brasil.

De modo que o fato de nós, hoje, estarmos unidos nesse partido, unidos no conjunto de forças que apóia o Governo e fazendo valer aquilo que nós afirmamos ao Brasil, durante a campanha eleitoral, é o que nos dá energia, é o que nos dá força.

Eu já disse, mais de uma vez, mas quero repetir, repetir hoje, neste dia em que estamos aqui, de conagraçamento, que o PSDB é o partido da convicção. Se não for o partido da convicção, não será nada. Ele é o partido da convicção. Ou a gente está convencido, e convence os outros, ou, então, de que adianta? Não se consegue galvanizar a opinião pública.

As eleições se aproximarão daqui a algum tempo. É muito cedo para falar em eleição. Preocupa-me, sinceramente, quando vejo, a todo instante, na imprensa, discussão sobre eleição. Qualquer encontro que eu tenha, com o Governador Montoro, com o Presidente Teotônio, com o Líder Aécio, com o Líder Sérgio Machado, com o Líder Arruda, com quem seja, vira já uma especulação inútil.

O povo se cansa de fofoca – me perdoem a expressão –, se cansa de fofoca. Nós estamos empenhados não é em eleição, é em coisa muito mais urgente do que eleição, que é a votação das reformas, é a transformação do Brasil.

Por sorte, essa transformação está ocorrendo. Não é o momento, ainda, de nós fazermos balanços do que está sendo feito. No momento oportuno faremos. Mas nós temos, de novo, a convicção tranqüila de que estamos cumprindo, estamos avançando, e estamos fazendo uma nova sociedade.

Iludem-se os que imaginam que o PSDB e o Governo estamos empenhados, simplesmente, na estabilização. Estabilização é condição necessária, mas não é suficiente. É necessária. Não haverá, de minha parte, apoio a nenhuma medida que ponha em risco o valor da moeda, que ponha em risco a continuidade de um processo econômico de reorganização das nossas finanças. Mas é condição necessária, não suficiente.

Nós estamos construindo uma nova sociedade – quem não entender isso não entendeu as coisas; e esse “nós” não sou eu, não é nem sequer o PSDB e o conjunto de partidos que apóia o Governo: é o próprio País – , uma sociedade que nós queremos mais justa e mais igualitária.

A cada instante se vêem mais demandas da sociedade. Isso é muito bom, por mais que essas demandas possam, eventualmente, irritar a um ou a outro, ou que possam aparecer de repente, como se fossem demandas não cabíveis, ou impróprias no momento. Não importa. O

que importa é que o povo, hoje, sabe que precisa mudar. E sabe que o Governo tem que atuar e que todos nós temos que atuar. Ele pressiona. Isso é novo no Brasil.

Nós estamos criando uma sociedade mais participativa. Em nenhuma área social, daquelas que o Senador Teotônio mencionou – na educação, na saúde, onde seja –, em nenhuma dessas áreas a ação do governo excluiu o aumento do controle social. As decisões, inclusive a definição de prioridades, já não passam só pelo gabinete do burocrata, já não passam só pelo Congresso e pelo Presidente da República. A sociedade se organiza e vai ser ouvida, como na educação está sendo ouvida, quando se dá o recurso direto à escola.

É uma forma de participação mais avançada. Eu vejo tanta gente falar de orçamento participativo. Pois bem, o nosso orçamento é, realmente, participativo, porque a imensa maioria dos recursos do orçamento social da República são decididos a partir de discussões que escapam, de muito, aos canais políticos e aos canais burocráticos, porque inserem, também, no processo decisório, os canais da própria sociedade. Isto, há dez anos, era impensável.

Nós estamos descentralizando o Estado. Nós não estamos diminuindo o Estado, no sentido que alguns imaginam. Estamos dando novas funções e nova força ao Estado, mas a um Estado que está sob controle social e um Estado que regulamenta e que não vai se meter a fazer aquilo que ele não sabe fazer tão bem quanto a própria sociedade é capaz de fazer.

É um novo Estado brasileiro. É uma nova sociedade. E, se me permitem, até – no dia do aniversário a gente pode ser mais retórico – é uma revolução cultural: há mudança de percepção das coisas.

E toda mudança, no começo, provoca reações, provoca incompreensões. No decorrer do tempo, as pessoas percebem e acabam modificando suas próprias formas de comportamento. E isso está ocorrendo no Brasil. Está ocorrendo, repito, não só no âmbito político, mas no âmbito da sociedade.

E o PSDB tem entendido isso e tem de ser o artífice dessa transformação. Não pode ser o partido só do Governo, não pode ser o

partido só do Congresso. Tem que ser um partido que se vincule mais à sociedade.

Nós temos que fazer isso com muita energia. A questão eleitoral vem depois. Quem vive com os olhos fixos em eleição perde as eleições. Quanta gente eu conheço que levou a vida querendo ser isso e ser aquilo e tendo que se conformar, às vezes, em não ser nada ou, às vezes, em ser, sim, mas não estão satisfeitos, porque querem mais. É natural que se queira mais, mas isso é no momento adequado.

Nós não devemos nos perder com especulações vãs, um ano antes, pelo menos, de que haja realmente um quadro eleitoral. Este ano nós temos que consolidar a administração, as transformações constitucionais, o avanço jurídico-institucional e a proposta dessa nova sociedade. É isso que nós temos que fazer. Com calma.

E, se me permitem, acho que essa é outra das nossas características. No passado – eu acho que já esqueceram, e ainda bem –, diziam que os tucanos ficavam no muro. Ô murozinho cheio de espeto, hein? Porque nós levamos a vida brigando. Eu levo a vida tentando obter coisas que não se consegue, ou às vezes se consegue discutindo. Não brigando no sentido de fazer desaforo, utilizar palavras que não são adequadas, ou de entrar no plano pessoal, que nunca fiz; mas no plano das idéias, no plano do convencimento. Levamos a vida nisso.

Então, já não dá mais para dizer que o tucano fica no muro. Ao contrário, tucano faz proposta, desafia e pede que votem. E vai ao País e diz ao País: “É isso que eu quero.” E insiste quando perde, mas se rende, obviamente, sempre, à democracia.

Mas há uma característica outra, que eu acho que é nossa. O Governador Montoro se lembrará, assim como o Governador Mário Covas, aqueles que são lá de São Paulo lembrar-se-ão do momento em que nós dizíamos – e eu dizia com muita insistência – que nós tínhamos um estilo. Nós não tínhamos quase nada. Éramos poucos. Faziam até pouco de nós, porque imaginavam que nós não tínhamos a força do voto – apesar de que nós sempre tivemos muito voto. Mas sempre disseram: “Não, são intelectuais, são acadêmicos, não sabem... O que é isso? Socialdemocracia é uma coisa européia, não sei o quê. Isso não vai ao povo,

não chega à massa.” E nós respondíamos, dizendo: “Olha, nós temos estilo, marca.”

Partido que não tem marca, que não estilo não perdura. Ganhar ou perder é contingência. Às vezes se ganha, às vezes se perde. Depende de muitos fatores. Muitas vezes não depende, sequer, da correção do rumo. O rumo pode estar certo e pode haver uma incompreensão momentânea.

Mas, se o partido tiver marca, se ele tiver estilo, ele sobrevive, e consegue, pouco a pouco, galvanizar, consegue convencer. Se, por ter estilo, por ser capaz de uma proposta, por ser persistente, ele se torna arrogante, ele se isola. E aí ele perde de novo.

Tudo isso precisa ser feito entendendo-se que “uma andorinha só não faz verão” e que, portanto, nós temos que ter a capacidade de dividir, distribuir, convencer e, às vezes, até, ser convencido. Porque, quem pensa que só convence é um convencido, no mau sentido. Não pode ser assim.

Muitas vezes, é preciso que a gente se abra, para que assimile as críticas, assimile as posições que não são as nossas próprias. Ter estilo não significa ser dogmático, não significa ser intolerante, mas significa dizer que se está aberto à discussão, mas que se está sempre buscando, o que também já foi mencionado aqui, o rumo.

Nós temos rumo, nós temos estilo. Nós, hoje, temos a capacidade de propor. Não temos medo, não hesitamos em arriscar, em renovar, em correr o risco da incompreensão, em ter a coragem de dizer: “Errei.” E, muitas vezes, de dizer: “Sim, pensei assim, mas hoje eu penso diferente, porque as coisas são diferentes hoje, ou porque eu estou vendo de uma maneira mais aberta ao mundo, hoje, do que eu vi ontem.”

E fazer tudo isso com calma, guardando a compostura. E tendo, sempre, a confiança, até íntima, de que se pode estar errado, mas a motivação está correta. E que os objetivos são os objetivos que foram delineados, e que têm sustentação na sociedade.

Esse é o nosso partido. Desculpem se eu transformei, talvez, um encontro de conagraçamento numa rápida reflexão. Mas, para quem está no exercício da Presidência da República, que é um exercício que requer alguma reflexão, certa abnegação e autocrítica; para quem está, muitas

vezes, querendo falar e não podendo, querendo replicar e calando, porque sabe que mais vale construir do que, simplesmente, justificar-se ou ganhar no debate, o importante é o caminho a ser percorrido.

Em certos momentos, quem vive a situação de Presidente da República sente – eu não diria isolamento, porque nunca senti – as dificuldades da posição de estar, por forças só de circunstâncias, tendo que responder a mais demandas do que àquelas de um só setor da sociedade.

Temos que conciliar, muitas vezes, o quase inconciliável. Mas que só é possível de ser feito quando se tem convicção – repito outra vez. E quem se sente nessa situação, quem há de ser Presidente, precisa, de vez em quando, como hoje, ao sentir-se entre amigos, entre companheiros, alguns de longa data, outros mais recentes, mas todos movidos pelo mesmo espírito, se sente mais à vontade para abusar da paciência dos amigos e falar sobre coisas que são mais um incentivo à reflexão do que um agradecimento puramente emocional, ao fato de estarem aqui.

Mas, ao dizer isso, termino por não esconder, também, a minha alegria, não esconder, também, a minha emoção de ver um partido com tantas dificuldades – tantas vezes com tantas impossibilidades, até mesmo, de eu poder explicar melhor uma ou outra ação, uma ou outra articulação, uma ou outra movimentação – ser um partido que sente e tem a empatia para saber que pode ser que o Presidente não esteja fazendo o melhor, mas é porque ele não conseguiu, não porque não quis.

E pode ser que o Presidente, às vezes, dê a impressão de que não está olhando para o seu partido. Mas é que, às vezes, é melhor fingir que não está olhando, para poder olhar com mais força, dentro do coração.

Muito obrigado a vocês.

